

Os Sambaquis do Brasil: uma análise das diferentes formas de interpretação destes vestígios durante a segunda metade do século XIX

Enviado em:

09/12/2012

Aprovado em:

04/2013

Felipe Daniel do Lago Godoi

Mestrando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto

fdlgodoi@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar as diversas perspectivas elaboradas por pesquisadores nacionais e estrangeiros acerca de um mesmo objeto, os sambaquis, durante a segunda metade do século XIX. Estes depósitos de materiais acumulados ao longo do tempo tornaram-se objeto de investigação por parte dos naturalistas e uma das fontes por meio da qual era possível acessar o passado dos povos que habitavam o Brasil e que não possuíam uma cultura escrita.

Palavras-Chave

História; Naturalistas; Sambaquis

223

Abstract

The aim of this article is to present the different perspectives produced by national and foreign researchers about the same object, the sambaquis, during the second half of the nineteenth century. These deposits of materials accumulated over time have become the subject of investigation of naturalist and one possible way to access the past of the people who inhabited Brazil and haven't had a written culture.

Keywords

History; Naturalists; Sambaquis

Introdução

No século XIX, a consolidação do discurso histórico tornou-o o principal vetor a partir do qual se poderia discorrer acerca do passado. Assim, a investigação histórica oitocentista baseada principalmente na análise de documentos escritos, de acordo com os métodos fornecidos por esta disciplina, proporcionava aos homens uma forma de conhecer o passado ordenando-o e tornando-o inteligível ao presente.¹

Porém, as investigações sobre o passado da humanidade não se limitavam apenas à operação historiográfica. Os registros materiais encontrados no solo proporcionavam outra forma de se ter acesso ao passado e interpretá-lo, produzindo também um discurso sobre o tempo pretérito, gestado a partir de áreas do conhecimento diversas da História, como as Ciências Naturais. Os estudos destes vestígios proporcionavam aos homens de ciência uma forma de compreender o passado que partia de uma perspectiva de tempo profundo, mais ampla do que a fornecida pela cultura histórica oitocentista e os registros escritos.²

Foi assim que, no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, diversos pesquisadores nacionais e estrangeiros produziram um conhecimento sobre o passado nacional formulado a partir de suas análises sobre os vestígios materiais encontrados no território brasileiro. Este conhecimento se tornava útil para a compreensão de como viviam os primitivos habitantes do País, uma população que não deixara registros escritos e que, de alguma forma, ainda se fazia presente, seja nos restos materiais seja na presença do elemento indígena remanescente.

Deste modo, saberes como a Arqueologia, Etnografia e a Antropologia reuniram-se, ao lado da História, na produção de um conhecimento que pudesse lançar luz sobre a “obscura história” das épocas anteriores ao descobrimento do Brasil e seus primitivos habitantes, auxiliando ainda, nas ações a serem tomadas com relação aos indígenas que habitavam o país.

Nestas investigações, os Sambaquis, depósitos de conchas e artefatos

1 Sobre a consolidação do discurso histórico no XIX ver KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc. Rio, 2006.

2 Para uma análise acerca da relação entre a descoberta de um tempo profundo e sua relação com o estudo dos objetos naturais ver GOULD, Stephen J. *Seta do Tempo, Ciclo do Tempo: mito e metáfora na descoberta do tempo geológico*. São Paulo, Cia. das Letras, 1991. e ROSSI, Paolo. *Os Sinais do Tempo: História da Terra e das nações de Hooke a Vico*. São Paulo, Cia. das Letras, 1992.

indígenas encontrados ao longo do território brasileiro, foram um dos principais alvos de análise destes homens ciência interessados em perscrutar o tempo remoto de Brasil. Estes vestígios suscitavam diversas interpretações por parte dos pesquisadores durante o século XIX, que discutiam sobre as origens destes, a sua antiguidade e como viviam os povos que neles deixaram suas marcas. Dessa forma, estudar os sambaquis era uma maneira de investigar o passado profundo da nação, um período que ainda se apresentava obscuro para os homens do século XIX.

A Historiografia sobre a institucionalização da Arqueologia no Brasil tem demonstrado como esta disciplina esteve relacionada com os projetos políticos do Estado Nacional.³ Gestado ainda na primeira metade do século XIX dentro de instituições ligadas ao Estado Imperial, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), o discurso arqueológico, assim como o discurso histórico, esteve imbuído da tarefa de produzir um passado e cimentar uma identidade nacional para jovem nação independente.⁴ A ao fazer isto, Arqueologia, Antropologia e Etnografia, trataram de procurar “um tempo ontológico e profundo, um passado indígena majestático que fundasse retrospectivamente, na Pré-história, uma gloriosa representação histórico-coletiva para o presente monárquico” (FERREIRA, 2007:2).

225

Além disto, o conhecimento arqueológico no Brasil oitocentista fazia parte da criação de uma “geoestratégia” atuando em conjunto com a Geografia e a História Natural na demarcação de fronteiras geopolíticas, estabelecendo um registro sobre as populações indígenas e um saber sobre estas. Dessa forma, produziu-se um discurso que, sob o signo da cientificidade, contribuiu para a cristalização de identidades culturais sobre os indígenas baseadas na interpretação dos vestígios materiais encontrados no território nacional. Tal discurso servia ainda como lastro para referendar as ações realizadas no que tange à política indigenista. (FERREIRA, 2002, 2007).⁵

Contudo, apesar das investigações arqueológicas e etnográficas buscarem indícios de um passado nobre para a nação, como a existência de monumentos

3 Cf: Ferreira, 2002, 2007.

4 Sobre a relação do discurso histórico no Brasil oitocentista e a formação do Estado Nacional ver Guimarães, (1988).

5 Lúcio Menezes de Ferreira lembra que assim como a História, a Arqueologia, enquanto disciplina acadêmica, se constituiu ligada à construção dos Estados modernos, do Nacionalismo e Imperialismo.

arquitetônicos semelhantes aos deixados pelos antigos Incas, “não havia consenso, dentro do próprio país, sobre a reconstrução de um passado enobrecido” (SANJAD, 2011:135). Ao analisarem os sambaquis, por exemplo, muitos dos pesquisadores chegavam a conclusões discordantes acerca de vários aspectos destes vestígios. A seguir, aprestaremos algumas destas diferentes interpretações feitas por aqueles que estudaram os sambaquis durante a segunda metade do século XIX.

Os Sambaquis

Mas afinal o que seria um sambaqui? Esta palavra de origem indígena, de acordo com Guilherme de Schüch de Capanema⁶,

significa litteralmente *montão de conchas*; de *Tamba* concha, e *ky* collinas conicas como peitos de mulher. Nos substantivos guaranis a mudança do *t* em *h* aspirado ou em *gu* forma a passagem do valor absoluto ao relativo e recíproco; como os portugueses na sua língua não têm aspiração davam-na por *ç* pou *s*. Além disso em palavras compostas, o genitivo occupa o primeiro lugar, dahi resulta *hambaky*, collina de conchas. Póde tambem ser estropiamento de *hamba-kyab*, refugio ou varredura de concha (CAPANEMA: 1876:82)⁷

226

Para João Mendes de Almeida, autor do *Diccionario geographico da provincia de S. Paulo*⁸, a palavra sambaqui seria na língua dos indígenas “itã-mb-ati” o que significaria “montão de cascas de ostras” (ALMEIDA, 1902, citado em LÖFGREN, 1893:54).

Assim, vemos que na opinião destes autores, os sambaquis podem ser compreendidos como depósitos de conchas e cascas de ostras. Além destes objetos, eram encontrados nos sambaquis ossos de peixes, de mamíferos e humanos, e também instrumentos fabricados pelos povos que habitavam perto destes locais.

6 Segundo Silva Figueirôa, 2005, Guilherme Schüch de Capanema, nasceu em Minas Gerais (em Timbopeba, nos arredores de Mariana-MG), filho do austríaco Roque (Rochus) Schüch, bibliotecário e conservador do Gabinete de História Natural da Imperatriz Leopoldina. Era engenheiro de formação, foi lente na Escola Militar de Engenharia e também adjunto da Seção de Mineralogia do Museu Nacional, atuando também como naturalista, sendo um dos colaboradores da *Flora Brasiliensis* do Botânico Carl Philip Von Martius. FIGUEIRÔA, Silvia M. F. “Ciência e Tecnologia no Brasil Imperial: Guilherme Schüch, Barão de Capanema (1824-1908). *Varia História* Belo Horizonte, Vol.21, n.24, p. 437-455, Julho de 2005.

7 As citações de documentos seguirão a grafia conforme consta nos originais.

8 *Diccionario geographico da provincia de S. Paulo, precedido de um estudo sobre a estrutura da lingua tupi e trazendo, em appendice, uma memoria sobre o nome "América"*. Obra posthuma. São Paulo: Typographia a Vapor Espindola, Siqueira & Comp., 1902.

A importância dos estudos destes vestígios pode ser exemplificada nas palavras de Carlos Wiener, naturalista viajante do Museu Nacional, para quem “o humilde sambaqui tem para a sciencia universal a mesma importancia que a magestosa pyramide do Egypto ou do Mexico (...) o craneo de um cacique é tão interessante como o de um Pharaó” (WIENER, 1876:20). Os sambaquis indicavam a presença material de uma antiguidade ainda obscura aos olhos dos estudiosos do século XIX, cuja investigação poderia auxiliar no entendimento do Homem, uma vez que, segundo Wiener, para entender a humanidade é preciso “conhecê-la desde as suas primeiras manifestações, sem o que nunca se poderá bem comprehendê-la.” (WIENER, 1876:20).

Como parte das investigações sobre estes vestígios, os pesquisadores descreviam as características das regiões em que os sambaquis eram encontrados. Estas análises eram importantes para que se pudesse estabelecer comparações entre os diferentes locais onde os sambaquis se situavam. Além disso, eram descritos os próprios sambaquis, seu tamanho, forma, quantidade e quais os objetos eram encontrados nestes. Tudo isso compunha uma “geometria dos sambaquis”, (FERREIRA, 2005), que buscava caracterizá-los e compará-los.

A partir da descrição dos sambaquis, autores procuravam apreender a origem destes montes, se seriam obra da natureza ou da ação humana, ou de ambas em conjunto. Para o engenheiro e naturalista Karl Rath, seria devido a força da água e a ação das marés, que as conchas se ajuntavam formando os montantes (RATH, 1871)⁹.

Guilherme Schüch de Capanema considerava que, apesar de construídos pela mão do homem, os sambaquis estavam sujeitos à ação natural, o que explicaria “a existencia, pois de *sambaquis* em lugares, onde se dão condições contrarias ás que presidiam a sua construcção”, revelando “o alteamento do littoral.” (CAPANEMA

9 Carl Friederich Joseph Rath Nasceu em Stuttgart, na atual Alemanha em 1802. Chegou ao Brasil em 1845 atuando na Província de São Paulo como engenheiro, porém sua produção intelectual e sua atuação profissional podem ser relacionadas aos diversos campos científicos que abrangia as chamadas ciências naturais na primeira metade do século XIX, como a paleontologia, a geologia, a mineralogia e a geografia. SALGADO, Ivone. “Atuação profissional de Carl Friederich Joseph Rath e as Ciências Naturais na primeira metade do século XIX. *Revista Esboços*, Florianópolis, v.17, n.23, pp.247-257, 2010.

1876: 87). Essa mesma opinião possuía Carl Von Koseritz,¹⁰ afirmando que os sambaquis antigamente se situavam mais próximos das praias do que quando ele os estudou, sendo que este distanciamento “prova quanto tem crescido a terra n’quelas regiões” (KOSERITZ, 1884:180).

Os Homens dos Sambaquis

Para aqueles que consideravam os sambaquis como produto da atividade humana era possível, por meio da análise destes, inferir hipóteses sobre os modos de vida da população que os construíram. Carlos Wiener afirma que alguns sambaquis foram construídos de forma intencional, sendo estes “obra da paciência do homem, que, durante largo espaço de tempo, tinha em vista um fim definido, isto é, sambaquis artificiaes, verdadeiros monumentos arqueológicos” (WIENER, 1876:15).

Contudo, esta interpretação dos sambaquis enquanto monumentos não era consensual. No relatório feito pelo engenheiro alemão Heinrich Kreplin, que investigou os sambaquis de Santa Catarina, consta que,

formarem estas colinas uma espécie de monumento é ainda mais improvável, visto que entre os indígenas atuais não existe o mínimo de vestígio de uma tradição concernente a isto, e nem sequer deixaram monumentos em parte alguma, mesmo quando tinham à disposição material superior. (KREPLIN, 1872:188, citado em FARIA, 2003:128).¹¹

Dessa forma, vemos que para Kreplin os indígenas, tanto do passado como do presente, eram e são incapazes de produzirem monumentos arqueológicos. Este argumento, que remete ao estereótipo da indolência indígena (FARIA, 2003), também estava presente em Wiener, ao falar da existência de outros tipos de sambaquis, que eram de origem “simultaneamente artificial e fortuita”, sendo

10 Carl Julius Christian Adalbert Heinrich Ferdinand Von Koseritz nasceu em Dessau, na Alemanha, 1830. Em 1851 veio ao Brasil para atuar em uma tropa de mercenários que combateriam o governo do de Juan Manuel Rosas. Desertando da vida militar, passa a atuar como político e jornalista em diversos periódicos nas cidades de Pelotas e Porto Alegre na Província do rio Grande. Faleceu em 1890. ARAUJO, Rodrigo Cardoso Soares de. “Laços e Traços de identidade numa leitura de Karl Von Koseritz.” *Revista de História da UEG*. Goiânia, v.1, n.1, p.65-85, jan/jun.2012..

11 De acordo com Luiz de Castro Faria, este relatório fora enviado ao pesquisador Rudolf Carl Ludwig Von Virchow, que o leu em uma das reuniões da Sociedade Berlimense de Antropologia, Etnologia e Pré-história.

“productos da indolencia humana que não removia para longe o resto das refeições” (WIENER, 1876:15). Sob esta ótica, os sambaquis são vistos como uma espécie de restos de lixo, ou, segundo Capanema, como frutos da varredura de conchas, operação necessária a povos que andavam descalço e nus sentando e deitando sobre o chão. (CAPANEMA, 1876).

Ao analisar este tipo de sambaqui, Wiener não deixa de tecer mais comentários sobre os costumes dos indígenas. Para este autor, a presença de grande quantidade de fragmentos de ossos humanos em meios às conchas indica que os índios que ali viviam eram antropófagos e que “a carne humana era provavelmente mais apreciada do que qualquer outro alimento” (WIENER, 1876:15), uma vez que havia mais ossos humanos do que outro tipo de material. Esta opinião também era partilhada pelo Dr. Von Eye, que investigara os sambaquis do sul do Brasil e que, segundo Luiz Castro Faria, “admitiu a prática da antropofagia, embora ciente de que não havia noticia de tal costume entre os índios que habitavam a região, nem entre seus antepassados.” (FARIA, 2003:136).

Porém, Rudolf Virchow, eminente pesquisador nos campos da biologia e também atuante no campo da antropologia biológica, discordava das observações de Von Eye, acerca da existência da prática antropofágica entre os indígenas. Mesmo nunca tendo visitado o Brasil, Virchow, a partir dos relatos que recebia, considerava que a presença de esqueletos inteiros e a falta de sinais de golpes artificiais nos ossos dos indivíduos iam de encontro às teses a favor do canibalismo. “Nenhuma das peças que examinamos” “tinha sinais de golpes ou abertura artificial na cavidade medular. Além disso, o sr. Kreplin fala com absoluta segurança da existência de esqueletos inteiros” (VIRCHOW, 1882: 224, citado por FARIA, 2003:140). Para este científico, a falta de rigor na coleta dos materiais e das observações “tornava prematura qualquer conclusão sobre a prática de canibalismo” (FARIA, 2003:140).

As divergências de interpretações entre os pesquisadores também se davam quanto à possibilidade dos sambaquis terem sido utilizados como cemitérios pelos indígenas. Essa hipótese era descartada por Guilherme de Capanema que afirmava que

Há quem sustente que as ostreiras eram aproveitadas para enterrar os mortos; não é isso muito verossímil, porque então seriam mais frequentes as ossadas; parece antes que também esses ossos, de algum velho, ou doente que fosse abandonado, constituíam lixo como o mais e eram atirado sobre o monte. (...) Reduzimos assim á sua singela expressão natural o *sambaqui*, que teve de servir para tanta producção fantastica,

ora sendo diques, ora trincheiras, outras vezes mausoléus, e até construções para o culto. (CAPANEMA, 1876: 85-86)

Já Karl Rath, Carlos Wiener e Domingos Soares Ferreira Penna eram partidários da opinião de que os sambaquis eram locais onde os indígenas praticavam rituais fúnebres. Para Wiener, este costume era também um sinal de barbárie, pois indicava que os indígenas enterravam seus mortos junto aos restos e lixos, fato que atestaria a ausência de leis sociais uma vez que para este autor, a existência de cemitérios com túmulos “é índice do grande passo dado pelo bípede carnívoro (antropófago) para tornar-se homem” (WIENER, 1876:17).

Entretanto, Domingos Soares Ferreira Penna, naturalista viajante do Museu Nacional, possuía uma visão mais otimista com relação aos indígenas. Segundo este autor, fora testemunhado por “pessoas de conceito” que havia entre os sambaquis esqueletos humanos inteiros, sendo que um desses estaria encerrado em uma urna. Este seria o indício da prática de rituais fúnebres entre os indígenas, e, ainda que estes rituais se dessem em meio a outros detritos, esta era “uma demonstração de veneração e amizade ao falecido de quem os parentes não se queriam separar.” (PENNA, 1876:96).

230

Assim, podemos observar que, se aos olhos de Wiener o enterro dos mortos junto aos restos de alimentos seria um atestado de selvageria e barbárie, Ferreira Penna entende esta prática como uma demonstração de sentimentos nos indígenas.

A idade dos sambaquis

Esta diversidade de opiniões com relação aos sambaquis se fazia presente nas tentativas de estabelecer a antiguidade destes elementos e daqueles que os construíram.

Carlos Wiener afirmava que, apesar da dificuldade em datar tais objetos, era possível estipular que os sambaquis possuíam cerca de dois ou três séculos de antiguidade (WIENER, 1876).

O botânico Alberto Löfgren¹² estende um pouco mais estas cifras, postulando

12 Johan Albert, Constantin Löfgren nasceu em Estocolmo na Suécia em 1854. Em 1874 veio ao Brasil como integrante de uma expedição comandada pelo naturalista Anders Fredrik Regnell (1807-1884) com o objetivo de explorar a flora das regiões de São Paulo e Minas Gerais. Dentre as diversas atividades realizadas em território brasileiro, Löfgren integrou a Comissão Geográfica e Geológica do estado de São Paulo, onde teve a oportunidade de estudar os Sambaquis da região de Santos, no litoral paulista.

que os sambaquis já existiam quando os portugueses chegaram ao Brasil, apresentando-se já nesta época cobertos de vegetação, sendo esta a mesma forma de quando ele os analisou, em 1893. Assim, considerando o tempo necessário para que o sambaqui atingisse tal estado e somando a diferença temporal entre o presente de Löfgren e os anos do descobrimento do Brasil, o autor afirma que “a antiguidade dos sambaquis paulistas não póde, portanto, ser muito inferior talvez a um millenio; e nada absolutamente favorável a opinião de serem elle mais modernos” (LÖFGREN, 1893: 83).

Já os germânicos Carl Von Koseritz e Karl Rath, consideram estes vestígios ainda mais antigos. Segundo Koseritz, a existência de fósseis de espécies extintas nos sambaquis “demonstra, que pertencem á época ante-diluvial” (KOSERITZ, 1884:180). Karl Rath, considerava que “(...) com estas provas [os sambaquis] póde-se garantir sem medo de errar, que o gênero humano existia por todo o mundo e mórmente no Brasil, onde numeroso povo habitou antes do grande diluvio chamado na geologia a *Myocene ou geral inundação*” (RATH, 1871:291)

Os sambaquis e os depósitos de conchas da Dinamarca

231

Outro aspecto debatido sobre os sambaquis é quanto a semelhança destes com os depósitos de concha encontrados na Europa, em especial na Dinamarca. Esta associação entre os vestígios encontrados no território brasileiro e os encontrados no território dinamarquês era algo feito desde a primeira metade do século XIX. Fora com base nesta possível relação entre o passado brasileiro e o europeu, que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro passou a manter contato, desde o período de sua criação em 1838, com a Sociedade dos Antiquários do Norte, entidade situada em Copenhagen.

De acordo com Manoel Luiz Salgado Guimarães, esta relação era intermediada pelo dinamarquês Peter Wilhelm Lund, que nas décadas de 1830 e 1840 realizava investigações arqueológicas nas cavernas de Lagoa Santa em Minas Gerais. O objetivo da entidade dinamarquesa era de encontrar vestígios que atestassem a presença dos povos nórdicos nesta região do planeta antes da chegada dos portugueses e espanhóis. Contudo, à medida que esta possibilidade foi se tornando remota, os contatos entre as entidades do Brasil e da Dinamarca foram diminuindo até cessarem (GUIMARÃES, 2001).

Esta relação, Brasil-Dinamarca, novamente vem à tona com as investigações dos sambaquis, devido a sua semelhança com os montes de ostras

denominados de *kojkknmoddings*.¹³ Esta similaridade era ressaltada por Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que afirmava serem ambos os vestígios depósitos de concha marinha acumulada de forma gradual pela mão do homem, onde e se encontravam objetos e esqueletos humanos de diferentes épocas. (NETTO, 1882). Karl von Koseritz também irá afirmar tal identidade, “parecem-se as ostreiros chamados as da Conceição extraordinariamente com os *Kjokkjemoddings da Dinamarca*” (KOSERTIZ, 1884:80). Outro autor que traça semelhante paralelo é Rudolf Virchow, que, com base nos relatório recebido de Von Eye, afirmara:

não tardei a me convencer de que se tratava aqui de obra de mãos humanas, diversa apenas quanto à localização, mas em geral absolutamente idêntica, em todos os pormenores, aos *kjokkenmoddings pré-históricos das costas europeias*”. (VIRCHOW, 1882: 218, citado em FARIA, 2003:135).

“(…) mas os próprios outeiros, mesmo os bem altos (…) devem ser indiscutivelmente encaradas como obra humana, não como coisa rigorosamente artificial, no verdadeiro sentido da palavra, mas como produto da atividade do homem, como autêntico *kjokkenmoddings*. De um modo geral o aspecto dos sambaquis deve ser semelhante ao dos montões de conchas de Portugal, sobretudo ao Cabeça de Arruda, que descrevi na sessão de 20 de novembro de 1880” (VIRCHOW, 1882: 340, citado em FARIA, 2003:139)

232

Porém nem todos estavam de acordo com esta semelhança. Carlos Wiener e Kreplin contestavam tal identificação.

Considerações Finais

Diante de uma população, cuja ausência de registros escritos, tinha seu passado inacessível por meio dos métodos propriamente históricos, cabia aos homens de ciências e letras do século XIX lançar mão de outros recursos para preencher esta lacuna no tempo. Assim, as investigações feitas pelos engenheiros, botânicos e viajantes naturalistas, que percorriam o território nacional analisando os vestígios encontrados, era uma das maneiras de esclarecer este tempo obscuro. Como afirmara Carlos Wiener,

13 A grafia dos nomes destes objetos varia conforme o autor, mas acreditamos tratarmos todos dos mesmos objetos.

a natureza das plantas e dos animaes que esta região produz, bem como, os costumes do homem que n'ella habita, suggerem-nos estas asserções sobre a natureza actual do paiz e permitem uma certa inducção acerca de seu passado. (WIENER, 1876:6)

Com este fito, disciplinas como a arqueologia e a etnografia tornaram-se importantes enquanto ciências capazes de conferir uma inteligibilidade e um sentido para este tempo remoto inserindo-os no discurso histórico.

A necessidade de esclarecer este passado vinha também dos desafios que o presente impunha. Ao classificar o estado de civilização dos povos que habitavam o Brasil, estes homens de ciência também discutiam o futuro da nação e qual o lugar para os indígenas remanescentes destes antigos habitantes na sociedade oitocentista. Além disto, percorrer o território nacional em suas regiões mais distantes e menos conhecidas era também uma forma de (re)descobrir o país e demarcar suas fronteiras com base tanto na materialidade dos vestígios quanto em uma pretensa ancestralidade da ocupação territorial.

Com relação às divergências nas interpretações destes objetos, Nelson Sanjad alerta para a necessidade de se ater à posição político-social dos investigadores, pois nem todos realizavam suas análises a partir de um mesmo lugar institucional, além de terem sido constantes “as disputas pessoais e institucionais pela liderança das pesquisas e pela prioridade das descobertas” (SANJAD, 2011:135).¹⁴

Neste debate diferentes campos do conhecimento que realizavam seus cortes epistemológicos durante a segunda metade do século XIX, reuniram-se em torno de um mesmo objeto, o passado da nação.

233

Referências Bibliográficas

CAPANEMA, Guilherme Schüch de. “Os Sambaquis”. In *Ensaio de Sciencia: por diversos amadores*. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876.

FERREIRA, Lucio Menezes. *Vestígios de Civilização: a arqueologia no Brasil Imperial (1838-1877)*. 2002. Dissertação. IFCH, UNICAMP, Campinas, SP, 2002.

14 Em seu artigo “A ‘Ciência de potes quebrados’: Nação e região na arqueologia brasileira do século XIX.”, Sanjad apresenta um exemplo desta relação entre interpretações discordantes entre os estudiosos da arqueologia e os conflitos institucionais existentes.

_____. “Solo Civilizado, Chão Antropofágico: A Arqueologia Imperial e os Sambaquis”. IN: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; JR, Charles Orser; SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (orgs.). *Identidades, Discurso e Poder: Estudos da Arqueologia Contemporânea*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2005. pp. 135-146.

_____. *Território Primitivo: a institucionalização da arqueologia no Brasil (1870-1917)*. 2007. Tese. IFCH, UNICAMP, Campinas, SP, 2007.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n1. P 5-27, 1988.

_____. “Para reescrever o passado como História: o IHGB e a Sociedade dos Antiquários do Norte”. In: HEIZER, Alda, & VIDEIRA, A. A. Passos. *Ciência, civilização e Império nos Trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

KOSERITZ, Carl Von: “Os Sambaquis da Conceição do Arroio”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Laemmert, v.47, p.179-182, 1884.

234

LÖFGREN, Alberto. “Os Sambaquis de São Paulo”. *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*. São Paulo: Vanorden & Comp., 1893, p. 31-42.

NETO, Ladislau de S. M. “A origem dos Sambaquis”. *Revista da Exposição Antropológica Brasileira*, 1882, p. 37-38.

PENNA, Domingos Soares Ferreira. “Breve Notícia sobre os Sambaquis do Pará”. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Imprensa industrial, v.1, p.85-101, 1876.

RATH, Karl. “Noticia etnológica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior, antes do Dilúvio Universal.” *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Garnier, v. 34, p.287-292, 1871.

SANJAD, Nelson. “‘Ciência de potes quebrados’: Nação e região na arqueologia brasileira do século XIX.” *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v.19. n1. p. 133-163, jan.-jun. 2011.

WIENER, Carlos. “Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil”. *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Imprensa industrial, v.1, p.1-21, 1876.